

Viagem de estudos: para além de uma atividade de sala de aula - Relato de experiência

AUGUSTO MONTE SPÍNOLA CARDOSO JUNIOR¹

A ESCOLA E O ENSINO DE HISTÓRIA

A escola é um lugar para produção de conhecimento². Ali é possível estabelecer relações entre aquilo que cada professor ensina e o que acontece no transcorrer da vida do sujeito-aluno. Ler e escrever alcança neste espaço, uma proporção gigantesca! E a partir daquilo que se difunde(e publica) através do Projeto Pedagógico escolar, podemos entender o que possibilita este alcance tão significativo do viver o mundo e dar-se conta da sua importância para a História. Ao planejarmos, por exemplo, saídas de campo como a viagem de estudos, para além do tão rico significado que encontramos no ato de viajar, encontramos presente uma ação educacional, parte do ensino e da aprendizagem, talvez inconcebível para quem não está, naquele momento, realizando tal ação.

Não se trata neste novo contexto, promovendo uma atividade como esta de viagem de estudo, de apenas ler e escrever. Não se trata de adquirir um conhecimento de História (e outras disciplinas da Área de Humanas), próximo daquilo que foi o ensino de História escolar um dia: memorização, datas, *factualidades*. Trata-se daquilo que vem sendo a transformação no ensino de História a partir das concepções pós 1980 que resultou, primeiro, na reorganização do currículo da disciplina escolar, (com o fim dos Estudos Sociais), até chegarmos na década de 1990, dos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) marcada pelas propostas de intenso diálogo com o professor sobre o fazer escolar na sua totalidade³.

* Professor de História da Secretaria da Educação do Estado da Bahia e do Colégio Gênese de Feira de Santana – Bahia. Especialista em História da Bahia (UEFS) e Política Educacional (UNEB)

¹ Bittencourt (2004, p.39), apresenta as algumas idéias da obra de André Chervel sobre o que é disciplina escolar. Para este autor, segundo Bittencourt a escola deve ser considerada “como um lugar de produção de um saber próprio”.

² PCN's – Ministério Educação (<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>), o projeto dos novos Parâmetros Curriculares Nacionais visam “abrir um diálogo sobre o Projeto Pedagógico Escolar e apoiar o professor das disciplinas em seu trabalho”.

³ Fonseca (2004b, p. 68), ainda com referência ao PCN's, discorre “diretrizes de caráter mediador orientador, não-obrigatórias, mas que têm se apresentado cada vez mais fortemente como norteadoras das ações nos ensinos fundamental e médio.”

Avançando da concepção piagetiana presente nestes Parâmetros Curriculares, aprender História decorre da forma e método como se ensina a História, e das possibilidades das relações com o meio que se permite cada sujeito. Neste momento a sala de aula amplia-se, geograficamente e conceitualmente. É todo um espaço onde haja, através da mediação do professor de História, produção de/e conhecimento histórico - a casa, a rua, a escola, o campo de futebol, a praia, o ônibus, a outra cidade e seus enlaces com a nossa História.

HISTÓRIA LOCAL, ENSINO DE HISTÓRIAS E NOVAS TECNOLOGIAS

Outro ponto relevante para se entender as razões de um projeto como este está no respeito aos atuais métodos de ensino e a articulação que se tenta estabelecer com as novas tecnologias para satisfazer às novas gerações da “cultura de mídia”⁴.

O cuidado deve estar em não cair nas tentações das mudanças dos anos 60 e 70, quando o elemento ideológico-político parecia satisfazer a aula de História e a partir daí o professor conduzia sua ação na sala de aula⁵. Postura superada e distante da realidade dos dias atuais: comprometimento com a leitura da História, com a interpretação e com a análise dos fatos, numa busca de equilíbrio entre o ensinar História – rico em conteúdo, responsável com a sociedade, sem ingenuidade e/ou nostalgia. Mas aí, insistimos: como articular este novo ensino com a cultura de mídia dos dias atuais? Como fazer com que uma prática como esta, que se volta para estudos de História com saídas de campo, favoreçam uma compreensão do(s) fato(s) estudado(s), articulando ensino de História e TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação)? Para Beraldo (2012, p.05)

novas tecnologias estão presentes nas instituições públicas e privadas, ambiente familiar, pátio da escola, *lanhouses*, telecentros ou até mesmo, nas ruas, quando utilizamos dispositivos eletrônicos portáteis mais conhecidos por *gadgets*(aparelhos móveis, como celulares, *smartphones*, tocadores de MP3,

⁴Para Bittencourt (2004, p.107) “Os atuais métodos de ensino tem que se articular as novas tecnologias para que a escola possa se identificar com as novas gerações pertencentes à ‘cultura das mídias’.”

⁵ PINSKY (2007) – para este autor, após certo tempo, centrar o ensino de História no discurso ideológico-revolucionário apenas, afastado de leituras e de mais conteúdo de História, deixou um vazio.

tablets, PDAs, *netbooks*, GPS com diferentes aplicativos e funcionalidades etc.) que podem ser conectados à internet por meio de rede sem fio (*wireless*).

Certamente cientes, tanto das transformações no ensino de História - e de toda a carga inerente ao seu contexto - quanto daquelas sóciointeracionistas para a compreensão do conteúdo de História, partimos, para a elaboração de um Projeto de saída de campo. Projetocalcado nos estudos sobre a República Velha – numa visão macro - voltado para o Coronelismo e toda uma série de elementos e categorias que se desenvolveram neste mesmo tempo e num mesmo determinado espaço, como o banditismo (e o cangaço), além aqueles movimento sociais de disputa não pela posse, mas pela função social da terra, assentados na visão religiosa do povo – como exemplo, Canudos – numa aproximação da visão de História Regional⁶ ou Local.

Ao refletirmos sobre aquele período histórico e encontrarmos na sala de aula alguns estudantes, cujas famílias, originárias das terras onde estas histórias se desenvolveram, ou com familiares carregados desconhecimentos sobre fatos históricos em estudo. Tudo isso, instigando novas compreensões sobre História e Memórias, lembramos Said (1995), citado por Oriá(2004, p.128)

A invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que correu no passado e o que teria sido esse passado, mas a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou persiste, mesmo que talvez sob outras formas.

Ou ainda, numa intensa relação entre Memória e Ensino de História, nas palavras de Garcia (1995), lembrado por Oriá(2004, p.130), relacionando a proposta de ensino de História e o papel da escola, *o papel da escola é, também, ensinar a degustar as formas e os conteúdos que hoje podem parecer superados, mas que fazem parte das nossas raízes, ou pertencem ao patrimônio cultural da humanidade.*

⁶ FONSECA (2006) São elementos responsáveis pelas dificuldades de um entendimento de uma História Regional a visão (estaque) do bairro, da cidade... e o conceito abstrato de homem e comunidade.

A cultura de mídia – e de imagens - encontra na estruturação de tal Projeto de saída de campo, possibilidades de estabelecer associações entre as leituras da sala de aula (livro didático⁷, paradidáticos, textos e apostilas; filmes⁸, literatura de cordel⁹, dentre outras possibilidades que permitam sua utilização naquele momento em sala de aula) e o campo ou o espaço onde fatos aconteceram. Tais instrumentos didáticos encontram-se carregados de lugares de memórias¹⁰, sejam eles espaços geográficos concretos, ou pessoas que tem na memória, ainda vivos e bem definidos, passados que insistem em ser presente! Numa trama incrivelmente bem constituída, insiste e persiste como parte integrante da história de cada um, mesmo que de outras formas, como nos disse Said (1995) através do fragmento citado anteriormente. O estudo ou atividade realizada não se volta para uma visão simplista de comprovações daquilo que fora estudado na sala, dentro da escola. O contato com outras fontes de informações como museus¹¹; ou ainda conversas com pessoas que estiveram presente ao momento do fato¹², seja de forma direta – como partícipes – ou indireta – como familiares - confere à nossa saída, a partir dos cuidados devidos com a metodologia (que em parte apresentaremos adiante no corpo do “Projeto de Saída de Estudos para Paulo Afonso”), um *status* muito próximo da pesquisa histórica propriamente dita¹³.

O elemento cultural encontrado pelos alunos, ainda que não muito estranho para muitos deles pelo fato de serem de cidades interioranas nordestinas, responde certamente a muitas perguntas elaboradas na sala de aula. Ainda na escola, discute-se: sobre origens do fato, a organização do espaço rural, sobre condições de vida de “atores”, sobre moda, musicalidade (e outros estilos de artes), violência dentre outros elementos que fluem ao longo das leituras e discussões em sala de aula. E junto a estas situações, a percepção da necessidade

⁷ CAMPOS, Flavio ET alli. O Jogo da História nos dias de hoje. São Paulo: Leya, 2012.

⁸ Por exemplo, “Baile Perfumado” (Brasil, 1997) de Paulo Caldas e Lino Ferreira.

⁹ Dentre os mais importantes que foram utilizados em sala de aula, cito: SILVA (2009) “Lampião, o capitão do cangaço”; Vieira (1997) A chegada de Lampião no Céu; Pacheco - A chegada de Lampião no inferno - [Salvador]: s.e., s.d. 8p. (FCRB);

¹⁰ Nora (1993, p.21-22) para quem “Os lugares de memória são, monumentos, personagens, arquivos... investidos de aura simbólica pela imaginação”

¹¹ Em nosso caso, o MAX – Museu de Arqueologia de Xingó (administrado pela Universidade Federal de Sergipe), o Museu do Cangaço – em Piranhas – AL, ou mesmo o *Memorial de Paulo Afonso*.

¹² Não poucas vezes fui procurado por alunos que conheciam histórias do cangaço e do cotidiano das relações sociais no Baixo São Francisco no início do século XX, através de narrativas feitas pelos seus avós.

¹³ PCN – História, Ensino Fundamental (1997).

de conhecimentos de ações humanas concretas e teorias¹⁴, para conhecimento e/ou maior esclarecimento do fato. O meio se torna um recurso didático que favorece uma participação ativa (inclusive nas atividades lúdicas, inoportuno citar), e consequente compreensão do que está (va) acontecendo ali. A incorporação da existência de uma história regional – ponto de partida para outras histórias – e da fonte oral, muitas vezes mais rica para apontar silêncios e omissões que outras fontes. Para Fonseca (2003 p.155)

A fonte oral é capaz de ampliar a compreensão do contexto, de revelar silêncios e as omissões da documentação escrita, de produzir evidências, captar, registrar e preservar a memória viva. A incorporação das fontes orais possibilita despertar a curiosidade do historiador... mapear rotinas semanais.

Este ensino e aprendizagem de História tornam-se cúmplices – a partir do momento em que é estruturado com base na história do sujeito-aluno e da sua família – e prazeroso, quando consegue articular conhecimento de História com conhecimento de Geografia, de Sociologia, de Física, Biologia – o fenômeno da interdisciplinaridade¹⁵ – *in loco*.

Sobre Metodologia e Avaliação

Como informamos anteriormente, este projeto se insere nos estudos sobre República Velha. Vale acrescentar a esta informação, para critérios de entendimentos da metodologia e do processo de avaliação, que este conteúdo é trabalhado no I Ciclo escolar, entre Março e Maio (estimativa), e que a saída de campo se dá no III Ciclo, em Outubro (estimativa).

Durante o 9º Ano do Ensino Fundamental II estudamos basicamente o século XX. Adotamos como livro didático (entendido como um dos elementos norteadores dos nossos estudos) o “Jogo da História – nos dias de hoje” (CAMPOS, 2012), capítulos 3,4 e 6 e a discussão sobre a República Velha se desenvolve com a leitura de textos de folhetos de cordel – quase todos voltados para a história da seca no sertão do Nordeste ou para as façanhas e violência nesta região, provocada pelo cangaço. São autores como Leandro Gomes de Barros,

¹⁴ PCN – História, Ensino Fundamental (1997).

¹⁵ CARDOSO JUNIOR (2011) em artigo produzido, este conhecimento interdisciplinar dialoga constantemente, perante a situação que se apresenta: a saída de campo.

Francisco das Chagas Batista, Franklin Maxado, Manoel de Almeida Filho e José Pacheco que enchem a sala de história, poesia e cultura popular. Iniciamos propriamente a avaliação naquele contexto quantitativo com a produção de um texto de cordel. Dividindo a sala de aula em duplas (por entender que favorece a busca por palavras e a produção das estrofes), a atividade se desenvolve em sala de aula, acompanhada pelo professor, durante cerca de seis aulas. Soma-se a este processo algumas atividades da disciplina Artes, que trabalha com os alunos a construção das xilogravuras que inspiram a construção das capas dos folhetos dos alunos.

Instigamos a produção de textos para um Blog¹⁶ (dentro deste I Ciclo), onde cada aluno cria um personagem (um coronel, um policial, um cangaceiro, um jagunço, um roceiro, um religioso), escreve e publica sua história inserida naquele contexto das tensões sociais da República Velha.

Compreendendo que a Avaliação vai se tornando multidimensional e a serviço de aprendizagens¹⁷, acrescentamos aos elementos quantitativos utilizados, como testes e provas, outras ferramentas avaliativas voltadas mais para a dimensão processual da aprendizagem. Destacamos inicialmente o debate, onde cada aluno expõe diante do grupo o que foi lido, o que destacou/grifou nos textos, e o que ouviu em casa sobre a temática. Como ele consegue articular conceitos e conteúdos. É importante destacar que enquanto esta avaliação ocorre, para além da construção do texto escrito, acompanhamos depoimentos sobre histórias familiares e informações sobre documentos destas famílias, formadores de um incrível arquivo particular que muitos historiadores por motivos compreensíveis, desconhecem.

Outra ferramenta utilizada é a construção de textos de cordéis, em atividade interdisciplinar como informamos anteriormente, onde procuramos acompanhar a construção de sextilhas grandes (estrofes construídas com sete versos, com considerável riqueza musical), abrangendo o Cangaço e/ou o movimento de Canudos. Acompanhamos os alunos em composição compartilhada, em duplas, demonstrarem capacidade de construir o folheto de

¹⁶ www.saladeauladehistoria.blogspot.com

¹⁷ HADJI, (2001) defende esta ideia: “na escola, deve-se pôr a avaliação a serviço das aprendizagens o máximo possível” p. 15

cordel, discutindo sobre vocabulários, sobre uso e desuso de determinada palavra naquele momento, se identificando com a produção da arte popular, inicialmente julgada como algo impossível de ser elaborada por eles. Aqui o nosso interesse caminha em acompanhar o quanto o aluno adquiriu a capacidade de ler e produzir, a partir do contato com esta tecnologia específica.

Finalmente, trabalhamos com a fotografia. Com uma produção textual a partir das leituras de imagens fotografadas e apresentadas em sala de aula sobre a temática; posteriormente, com a produção de um arquivo em power point, onde alunos selecionam imagens sobre o tema estudado na internet, *colam* e apresentam o resultado para os colegas. Aqui trazemos as palavras de Ferreira (1999)

Nesta perspectiva, o ensino de História deve estar atento para as mudanças advindas dessa nova realidade, possibilitando ao aluno ser capaz de compreender, de ser crítico, de poder ler o que se passa no mundo, qualificando-o para ser, dentro deste processo, um cidadão pleno, consciente e preparado para as novas relações trabalhistas.

Num terceiro momento, organizamos uma exposição com fotografias feitas pelos alunos in loco, depois da viagem de estudos ocorrida no III Ciclo.

Acreditamos que desta maneira, o Ensino de História consegue articular satisfatoriamente dois pontos importantes: o ensino como atividade prazerosa¹⁸ e a Avaliação.

Para tornar nossa discussão mais aproximada da situação vivida no espaço escolar, estarei apresentando a seguir o Projeto de Viagem de Estudo que resultou na experiência provocadora da produção deste artigo.

PROJETO DE VIAGEM DE ESTUDOS PARA PAULO AFONSO -BA

Apresentação

¹⁸FERREIRA (1999) faz algumas considerações a este respeito – do ensino prazeroso – como algo que falta nas salas de aulas. Cita Marcos Silva (p. 141) que responsabiliza historiadores e professores por esta falta.

Estudar História é aprender a atrever-se. É sentir-se inquieto, firme e perceptivo. É construir-se leitor do mundo, do contexto que o cerca e que caracteriza o fato. É sabiamente aprender a ser senhor dos tempos. É aprender a andar na rua, pegar ônibus e a conhecer a cidade; é aprender a andar pela caatinga, pegar atalhos e a conhecer cada palmo do chão onde se faz e atua.

Quando discutimos sobre conteúdos relacionados às possíveis situações que serão vivenciadas, ressalta-se que o fazer história é de todos nós. Independente ao fato de darmos conta disso. Aqui ressaltamos, numa experiência de mergulhos em estudos de outras aulas, de outras séries, que a História não escolhe quem é mais importante, quem é mais merecedor ou coisa parecida, como seu agente. A história do Cangaço em Paulo Afonso, na Bahia, ou a história das volantes em Piranhas, nas Alagoas, são construtoras de uma história local, de uma história de vaqueiros e pequenos comerciantes, de roceiros e barqueiros, tão história do Brasil quanto outras, que por outras razões historiográficas, foram parar nos livros didáticos.

JUSTIFICATIVA

A História costuma nos pregar algumas peças... Movimentos sociais acontecidos em virtude da organização das camadas populares (liderados por Antônio, Virgulinos e Marias), fizeram o sertão nordestino levantar poeira e depois passaram alguns anos no esquecimento... Até que, como por encanto, uma retomada nos estudos destes movimentos, nos faz perceber que somos integrantes deste espaço físico, palco dos acontecimentos (o referido sertão). E muitas vezes estamos ligados a eles por participações ativas, ou por “causos” trazidos até nós, por parentes (avós, tios-avós, pais), aparentados (padrinhos, tios e tias de consideração), ou ainda “conhecidos” (vaqueiros lá da roça e agricultores): estamos presos na teia dos fatos sociais e tratar deles, trilhar por caminhos do cangaço, ou fazer orações em templos levantados por Conselheiro, garante-nos uma bagagem cultural, e porque não, histórica, mais refinada.

Tão logo começamos a discussão sobre a República Velha e o Coronelismo as discussões de sala de aula trouxeram à tona revelações de histórias das famílias originárias de

vários palcos onde a prática coronelística – seja a ação repressora, de violência – ou aquela outra de alianças estabelecidas – conheceram. Não raro ouvíamos depoimentos de alunos sobre conversas com pais e/ou avós que conheciam capítulos destas histórias que não estavam registrados em livros, mas guardados em memórias. Numa determinada aula, por exemplo, onde a discussão chegou às rixas entre famílias em Pernambuco, um aluno me procurou e fez a revelação de que estava ali, naquele momento, praticamente fugindo de uma rivalidade entre famílias do interior daquele Estado. Naquele momento o significado de ensinar, de aprender, da Nova História, das Mentalidades, da História Social, da História Cultural, do que era Macro ou Micro História, regional ou nacional, fragmentou-se em mil pedaços, cristalizando-se em seguida, numa explicação sobre o que estava acontecendo diante de mim, naquela experiência vivida sala de aula. Depois vieram Joões, Marias, Cristianos, parentes ou amigos-coiteiros de cangaceiros, cada um, sentado diante de mim, trazendo outras informações sobre histórias do banditismo que ainda não vira tratada nas produções acadêmicas. Organizar um projeto de viagem de estudos para este espaço seria favorecer encontros e reencontros com uma cultura materializada e com lugares de memórias que estavam sendo passadas de gerações para outras.

OBJETIVOS

A viagem de estudo nos garantirá maior alcance do que foram os movimentos sociais, conforme salienta os PCN's (1997) atuando com “pesquisa de campo”. Vamos procurar:

- . Conhecer o espaço físico – a caatinga e implicações do fenômeno da seca na região para a população.
- . Avaliar a ação dos grupos ditos dominantes (proprietários de terra – os chamados “coronéis”) - sobre grupos ditos dominados (vaqueiros, roceiros, pequenos comerciantes – sertanejos), no passado, naquela região;
- . Ampliar o conhecimento sobre outras culturas do médio São Francisco, em contato que será mantido com índios - os Pankararés - que vivem na caatinga, na Reserva Ecológica do Raso da Catarina;

- . Agir, estudando, no próprio campo de pesquisa, que fornece informações (re) conhecidas através da primeira leitura acorrida nos livros didáticos.

Roteiro a ser seguido:

Sujeito a alterações em função de algumas necessidades que se apresentem ao longo da viagem.

a) Em Paulo Afonso:

Os nossos estudos serão norteados por determinados passos voltados para aquisição do máximo de conhecimento - reconhecimento sobre Paulo Afonso e seu entorno; sua localização enquanto divisa de quatro estados nordestinos (Bahia com Sergipe, Alagoas e Pernambuco) e possibilidades de visa neste espaço de seca, de caatinga, e de caminhos que se cruzam, favorecendo (ora nem tanto), vaqueiros, almocreves, caixeiros viajantes, romeiros, bandidos, cangaceiros... Todos fazedores de histórias, seja ela julgada local, regional, nacional, em escala de macro ou de micro-história:

1º Dia:

- . Visita à Maquete da cidade (visão “panorâmica” da cidade)
- . Visita às Hidrelétricas que margeiam o canyon do Rio São Francisco
- . Visita a Angiquinhos – Primeira Usina Hidrelétrica da América Latina, fundada em 1913 sob ordem do Coronel Delmiro Gouveia.
- . Visita a ilha do Urubú
- . Visita à Usina e Lago Apolônio Sales

O nosso objetivo é estabelecer um primeiro contato com o núcleo urbano inicial do século XX, dos idos de 1940, quando a CHESF inicia o projeto de construção de hidroelétricas, através da maquete da cidade. A saída para Angiquinhos revelará, esperamos, uma construção rica e satisfatória dos primeiros movimentos para a exploração do potencial elétrico da região, através do projeto do *Coronel Delmiro Augusto Gouveia*. Mediaremos o

processo com algumas provocações: Quais seriam as intenções deste Coronel? Como pretendia colocar em prática suas idéias? O que pensava movimentar com a energia explorada? Como se deu a relação ser humano e meio ambiente, exatamente háum século? Como esta vem acontecendo, no processo de construção de outras hidroelétricas¹⁹? Quais seriam os conceitos para *tecnologia* e *avanço tecnológico*? Como se estabeleciam as comunicações? Quais os veículos de comunicação existentes? Qual o grau de letramento daquela sociedade àquela época? Até que ponto era importante para aquele povo, este grau de letramento?

2º Dia:

- . Visita ao Povoado do Riacho – Município de Paulo Afonso
- . Visita à casa de Maria Bonita – Povoado do Riacho – Paulo Afonso - Bahia
- . Visita a Usina de Xingó – Canindé do São Francisco - Sergipe
- . Visita ao MAX – Museu de Arqueologia de Xingó – Canindé do São Francisco - Sergipe
- . Almoço em Canindé do São Francisco – Sergipe, ou Piranhas - Alagoas
- . Visita a Cidade de Piranhas (Alagoas) – visita ao Museu do Cangaço
- . Cidade de Delmiro Gouveia - Alagoas

3º Dia:

. Reserva Ecológica do Raso da Catarina²⁰ habitada pela tribo Pankararés. Cercada por pelo menos oito municípios baianos (Paulo Afonso, Jeremoabo, Gloria, Macururé, Rodelas, Chorochó, e Santa Brígida e Canudos), serviu muitas vezes de esconderijos para o bando de Lampião. Aí percorremos uma trilha que chamamos “Os caminhos de Lampião”.

¹⁹ Pretendemos trazer a discussão para a questão da construção da Hidroelétrica de Belo Monte, no Norte do país e suas implicações para a população local e para o meio ambiente. Também caberá neste contexto de discussão, considerações sobre a transposição do Rio São Francisco, que segundo o projeto de viagem de estudo, trataremos à noite, no Auditório do Hotel.

²⁰ Reserva Ecológica do Raso da Catarina, Lei Estadual 25469 de 1974, Lei Federal 89268 de 1984.

. Contato com os índios Pankararés e investigação sobre sua cultura: linguagem; conhecimento/escolarização; arquitetura; vestimenta; rituais (Encantado); observação sobre condições de vida e sobrevivência naquele espaço.

. Retorno a Paulo Afonso / Almoço

. Retorno a Feira de Santana

Neste último dia, estabelecemos contato com o região do Raso da Catarina²¹, de acordo com Guedes (1985) citado por Colaço (2006, p.10) a área (desta reserva ecológica) é

Uma formação xerofítica, xeromorfa, comumente denominada caatinga, ou seja, mata branca, em linguagem tupi, devido ao seu aspecto cinzento, esbranquiçado durante a seca. As árvores apresentam, em geral, fuste tortuoso e bastante esgalhado, com altura mais ou menos de seis a dez metros.

Esta Reserva surge com grande curiosidade para os sujeitos-alunos. Caracterizada como a região mais seca da Bahia e uma das mais secas do país e do mundo, ocupa uma área de mais de cem mil hectares, numa zona de transição entre o clima árido e semi-árido. Situada numa região de caatinga, carrega em sua formação este tipo de bioma e devido às características desta vegetação, sempre foi um lugar de difícil acesso, sendo local de esconderijo de bandos de cangaceiros durante o final do século XIX e início do século XX. Encontrar nesta região um grupo indígena, organizado em torno daquilo que a região oferece, salvo intervenções parciais do governo em ações tão limitadas quanto as correntezas dos rios intermitentes, chega com deslumbramento para todos. Acompanhar trilhas por onde percorreram cangaceiros e volantes, por onde aconteceram embates, com registros de mortes, acompanhar demarcações geológicas utilizadas para leituras estratigráficas sobre a idade do *canyon* sedimentado no Período Mesozóico, das formações rochosas, são elementos que instigam o diálogo interdisciplinar. Reconhecer a região como habitat das araras-azuis-de-

²¹ COLAÇO (2006), Citação presente na sua Dissertação defendida em 2006 – UEFS.

Lear²², sabiás, carcarás, sofrês, aves que sofrem ou já sofreram riscos de extinção reforçam uma perspectiva de compreender a história com responsabilidades com o meio ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em outras palavras, educação, memória e cultura se determinam, complementam-se, *uma não pode ser pensada sem a outra e toda reflexão sobre uma desemboca imediatamente da consideração da outra* (Fonseca, 2003, p.31 citando Forquin, 1993, p. 14).

Não poderia ser diferente uma reflexão sobre educação nos padrões escolares atuais. Entender, neste momento, como acontece o ensino de História, talvez peça que se acrescente a esta idéia de Fonseca, apenas, uma palavra: História. Educação, memória, cultura, História! Pensamos um Ensino de História com cena do cotidiano escolar dos nossos dias; reconhecemos nossas atitudes, nossos avanços tecnológicos, nossas máquinas, nosso sistema de comunicação, nossa arte, nossas aceitações e contestações. Imaginamos adolescentes com mídias, com imagens, carregados de frustrações e de sonhos.

Por que pensar em aulas distantes das suas realidades, das suas memórias, das conversas nos cantos das casas, do contato com a zona rural, da musicalidade do forró? Por que cumprirmos conteúdos de livros didáticos de gabinetes, se o sertão está à nossa frente, disposto a ser discutido, a ter páginas acrescentadas a sua história, com depoimentos de nossos familiares?

Acreditamos nas possibilidades de registros das escalas da micro-História e na amplitude do grito dos silêncios da história oral, como forças motoras desta nova construção escolar, educacional, histórica. Organizamos o Projeto de Viagem de Estudos para Paulo Afonso – Bahia, porque esta realização possibilita intersecções sociais, interdisciplinaridade, (re) conhecimento da região provocadora do estudo, utilização do meio ambiente como recurso didático, utilização da imagem concreta como recurso para estes sujeitos de vivências de imagens de maneira nunca antes vista e contatos com museus, com outras culturas.

²² REIS (2004, p.118), para quem “esta ave não voa em nenhuma outra região Brasil ou mundo”.

Referências

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História – fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez Editora, 2004

_____ (org). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

CARDOSO JUNIOR, Augusto Monte Spínola e GUIMARÃES, Cleidson Carneiro. *Viagens de estudos; estratégia oportuniza na prática a interdisciplinaridade*. In: Revista do Professor. Porto Alegre: CPOEC, n.107, Ju.l/Set. 2011, p.22-24

CAMPOS, Flavio ET alli. *O Jogo da História nos dias de hoje*. São Paulo: Leya, 2012, 9º Ano.

COLAÇO, Miguel Ângelo da Silva. *Etnobotânica dos índios Pankararés, no Raso da Catarina – Bahia: Uso e importância cultural de plantas da caatinga*. Dissertação de Mestrado em Botânica, Universidade Estadual de Feira de Santana. 2006.

DAYRELL, Juarez. *Múltiplos olhares sobre a Educação e Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

FERREIRA, Carlos Augusto. *Ensino de história e a incorporação das novas tecnologias da informação e comunicação: uma re-flexão*. Disponível em

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2087/1569>, acesso em 24/02/013.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de História*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. *História e ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b.

HADJI, Charles. *Avaliação desmitificada*. Porto Alegre: ARTMED, 2001

KARNAL, Leandro. *História na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2007.

MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do sol – violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. São Paulo: A Girafa, 2004.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993. *Projeto História*.

ORIÁ, Ricardo. *Memória e ensino de História*. In. BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1997.

REIS, Roberto R. do Amaral. *Paulo Afonso e o sertão baiano: sua geografia e seu povo*. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2004.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia. Das Letras, 1995.